

INDIVÍDUO E AMBIENTE: A METODOLOGIA DE PESQUISA DA HISTÓRIA ORAL

LATIF ANTONIA CASSAB^{*}
ALOÍSIO RUSCHEINSKY^{**}

RESUMO

Os autores entendem que o uso da metodologia da História Oral representa uma das formas de pesquisa qualificadas para a obtenção e a ampliação de conhecimentos. Polêmicas e limites podem ser apontados a propósito das diferentes metodologias de pesquisa e subsistem para além do seu uso, uma vez que implicam desvendar os fins da investigação. A procura dos significados da vida cotidiana é auxiliada de maneira significativa através de história de vida. As características éticas acompanham esta investigação, uma vez que, ao se dar a conhecer através da narrativa ao pesquisador, o outro desvela seu universo íntimo. A riqueza da pesquisa com esta metodologia está na ênfase e importância atribuída ao sujeito da história, construtor de seu destino, entre possibilidades e limites. Reconstruir histórias, situações, acontecimentos, subsidiado pela voz do outro, deve tornar o pesquisador responsável e comprometido com o valor de seu trabalho e a difusão dos seus resultados para a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: memória, pesquisa, sujeitos, história, ética.

Este trabalho tem por objetivo discorrer sucintamente sobre a História Oral e alguns aspectos éticos que envolvem os trabalhos de pesquisa que utilizam esta metodologia qualitativa. Inúmeros campos de saber dela se apropriam como meio de conhecer. Assim, não possui estatuto independente e não pertence a uma área exclusiva de conhecimento, mas presta-se a diversas abordagens em campo pluridisciplinar.

Através dos diversos autores ocorreu um esforço para consolidar a História Oral na sua capacidade de reconstruir mapas sociais que representem uma realidade coerente da sociedade. É o intuito de

^{*} Assistente Social, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, PUC-SP.

^{**} Professor do Dep. de Educação e Ciências do Comportamento e do Mestrado de Educação Ambiental da FURG.

reconstrução em contextos em que as partes, embora distintas e diferentes, passam a obter coerência entre si a partir da mediação do cientista social.

Como metodologia de pesquisa, a História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano. Os dados para o encadeamento são obtidos através de conversas com pessoas (relatos orais) que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância na vida desses indivíduos.

A metodologia em análise *prima* para registrar a memória viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais. Muitas vezes o fato de detectar estas memórias, que podem ser denominadas de subterrâneas, significa delinear aspectos relevantes que de outra forma ficam à margem da história oficial ou das evidências objetivas dos historiadores. Através deste esforço e rigor de pesquisa pretende-se construir uma metodologia que permita recuperar ou trazer à luz imagens do passado e do presente, que permitirão uma abordagem abrangente e dinâmica.

Muitos dos relatos obtidos por fontes orais dizem respeito a fatos não registrados por outros tipos de documentos, a fatos cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulo diverso. A busca de dados através de narrativas, como parte imprescindível para a elaboração do documento de pesquisa, coloca uma importante questão: a veracidade das informações obtidas.

BREVE TRAJETÓRIA DOS PERCALÇOS HISTÓRICOS

"A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'."

WALTER BENJAMIN

A partir de 1920 a História Oral foi introduzida no contexto acadêmico, através da Escola de Chicago, como forma de pesquisar. Entretanto, naquele momento a sorte não estava do seu lado e nas décadas seguintes foi proscrita dos meios de pesquisa, preterida por formas quantitativas de trabalho (Chizzotti, 1991). Posteriormente foi desenvolvida por Znareschi na Polônia, e esse fato é mais relevante do que possa parecer para o seu ressurgimento na segunda metade do

século vinte.

A partir dos anos sessenta, para ganhar um lugar ao sol entre as correntes de pesquisa, a História Oral procurou superar o subjetivismo impressionista e preocupar-se com seu estatuto epistemológico, estabelecendo a análise do vivido e se constituindo em método de coleta de dados de indivíduos concretos. No âmbito da pesquisa, procurou romper com a ideologia da biografia modelar de outras vidas, para trabalhar com os trajetos individuais no contexto das relações pessoais. Desta forma, a partir da década seguinte, com o aumento de sua credibilidade, difundiu-se com vigor nos Estados Unidos e também em alguns países da Europa, propiciando a implantação de diversos programas, bem como houve a divulgação de inúmeras pesquisas tendo-a como método.

No Brasil, especialistas em biblioteconomia e documentação, assim como cientistas sociais, articulam-se para criar uma infraestrutura de documentação para a pesquisa na área de Ciências Sociais. No momento em que passam a receber o patrocínio das agências de financiamento uma etapa importante de obstáculos está vencida. Os grupos de pesquisa se especializaram, dividindo-se de acordo com interesses e temáticas, com a finalidade de reunir o maior número de entidades e pessoas para, em conjunto, estudar, propor, coordenar e executar projetos relacionados às áreas específicas.

Neste contexto, exerceu um papel preponderante o Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil/Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro. Ali criou-se um grupo de estudos de História Oral que passou a ter destaque com liderança entre cientistas e em relação ao produto das pesquisas. O objetivo principal era contribuir para a preservação de documentos necessários aos estudiosos das Ciências Sociais no Brasil, com intuito de promover, estimular e coordenar a difusão da documentação, incentivando a cooperação entre especialistas e cientistas sociais do país e do exterior.

A influência externa fica evidenciada quando em 1975 se organizou o primeiro curso de História Oral, em nível de pós-graduação, patrocinado pela Fundação Ford e CAPES e ministrado por professores norte-americanos. O curso teve por objetivos: discutir as linhas básicas da metodologia de História Oral de acordo com os princípios estabelecidos pelo Programa de História Oral da Universidade de Columbia e difundir seu uso de maneira a implementar programas de História Oral em diferentes universidades e centros de pesquisas brasileiras.

Os efeitos se fizeram sentir. Após a realização do curso, alguns participantes procuraram implementar uma rede de programas de

História Oral em suas respectivas instituições universitárias ou centros de pesquisa, privilegiando a investigação de temas de interesse local. Os novos projetos de pesquisa tiveram o objetivo específico de acumular arquivos de depoimentos orais, visando a organizar um novo tipo de documentação. No mais, fica estabelecida a criação de canais regulares de intercâmbio através da promoção de eventos e de uma forma associativa, de maneira a garantir o desenvolvimento dessas primeiras iniciativas. Assim, se deram em terras brasileiras os primeiros passos sistemáticos para o estabelecimento da metodologia da História Oral, com ênfase na realização de pesquisas.

Passados vinte anos, um balanço do resultado dessas iniciativas pioneiras demonstra um saldo positivo, mas muito aquém das pretensões expressas na época. Dos programas e dos projetos que seriam criados, poucos se concretizaram e frutificaram. A desejada montagem de uma rede de programas de História Oral nas diferentes instituições e o estabelecimento de um intercâmbio regular entre os pesquisadores da área, através da criação de uma instituição de caráter nacional, não se realizaram. O desempenho dos programas institucionais se mostrou, assim, bastante irregular, somente algumas iniciativas conseguiram se afirmar construindo acervos importantes.

As restrições se visualizam inclusive pela ausência da História Oral entre as metodologias apresentadas num curso de graduação. Nem figurava nos currículos dos cursos universitários e muitas vezes nem mesmo programações específicas de seminários e simpósios. No decorrer dos anos, esse quadro veio se alterando pela afirmação de alguns núcleos de pesquisa e pela demanda importante não só na comunidade acadêmica, mas em setores diferenciados da sociedade. Segundo Ferreira (1996, p. 14), muitos fatores contribuíram para explicar essas alterações. A própria transformação da sociedade brasileira sofreu a influência de fatores de ordem econômica e política, não ficando a História isenta deste contexto.

A pesquisa em História e outras áreas das ciências sociais, nas últimas décadas do século XX, teve como referência o paradigma estruturalista e isto foi um dos entraves mais substantivos para a difusão da metodologia em análise. Historiadores argumentavam que a importância fundamental neste fazer era identificar as relações que comandavam os mecanismos econômicos e políticos que organizavam as relações sociais e que, por sua vez, engendravam as formas de discurso. Ou seja, a ótica revela que se valorizava o estudo da estrutura social em detrimento do cotidiano, e nesse proceder, alguns posicionamentos não foram permitidos, mas contestados. Desqualificava-se o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida e

das biografias, uma vez que as percepções e as intuições dos sujeitos da pesquisa não retinham relevância como dado para a análise. Assumem um lugar secundário as análises do papel do indivíduo, da subjetividade, dos aspectos políticos do cotidiano e das dimensões culturais que o envolviam. Uma das objeções enfatizava a dificuldade de se obter relatos fidedignos, que se resumem às representações sociais peculiares.

Uma certa herança positivista temia que a proximidade temporal comprometesse a pesquisa. Esta vertente receava as influências do tempo presente, sustentando a necessidade do distanciamento temporal do pesquisador frente ao seu objeto de estudo, enfatizando uma visão retrospectiva, ou seja, trabalhar com processos históricos com desfechos acabados e objetivos.

Atualmente, diversificam-se e legitimam-se diversas e valoriza-se a análise qualitativa, resgatando a importância das experiências individuais, deslocando o interesse das estruturas sociais para as redes, dos sistemas de posições definidas para situações do vivido, das regras e normas coletivas para situações subjetivas e singulares. Paralelamente, novos olhares ganham outro impulso, o olhar sobre a história se altera pela referência ao prisma dinâmico. O que é do passado e contemporâneo pode se aproximar ou até se fundir na interpretação. "O aprofundamento das discussões acerca das relações entre passado e presente na História, e o rompimento com a idéia que identificava objeto histórico e passado, definido como algo totalmente morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abriam novos caminhos para o estudo da História do século XX" (Ferreira, 1996, p. 16). As análises rompem progressivamente com a concepção de distanciamento para a realização da análise histórica; o que antes era um inconveniente passa a ser um instrumento de auxílio para maior entendimento da realidade a ser estudada. "O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. (...) a História de Tempo Presente constitui um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social" (Ferreira, 1996, p. 18-19). Superam, assim, a descontinuidade que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico dos sujeitos envolvidos na pesquisa, favorecendo, de um lado, a descrição das percepções e das representações dos mesmos, e de outro, a identificação das determinações e interdependências desconhecidas que tecem os laços sociais.

AS SUTILEZAS E A LEGITIMIDADE DA METODOLOGIA DE PESQUISA

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que se expandiu nas últimas décadas, possivelmente pelo grande volume de pesquisas sobre o presente, e, por consequência, pesquisadores que dela fazem uso vêm sendo expostos a uma série de questões teóricas, metodológicas e técnicas.

Enfatiza-se através da metodologia em destaque a importância da elaboração e da trajetória da memória social como objeto de investigação que possibilita uma nova inteligibilidade do passado recente. Assim, reconhece-se a subjetividade como uma nova fonte de pesquisa.

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado (Alberti, 1990, p. 16)

Esta outra postura ao se fazer pesquisa sobre a realidade brasileira determinou reflexos importantes no perfil de pesquisa, ao ampliar e incorporar definitivamente o estudo do tempo presente. Nas palavras de Ferrarotti (1993), abandonar o paradigma positivista e estruturalista significa o desenvolvimento da capacidade de tornar a vida individual ou todas as individualidades um documento de uma história ampliada, com seus desdobramentos e descontinuidades históricas. Aliás, os relatos biográficos são mais do que mosaicos singulares, mas são diferentes perspectivas que se articulam reciprocamente no tempo e no espaço da experiência individual e coletiva.

A História Oral possibilita que indivíduos pertencentes a segmentos sociais geralmente excluídos da história oficial possam ser ouvidos, deixando registros para análises futuras de sua própria visão de mundo e aquela do grupo social a que pertencem. Ou seja, "oportuniza ao povo que se movimenta e fale por si mesmo. É a oralidade assumindo e conferindo ao sujeito o seu direito e seu papel de centralidade no ato de narrar uma história (...)" (Oliveira, 1997, p. 3). A classe hegemônica tem na escrita o seu marco essencial, o seu suporte para contar e interpretar a história, e não permite à classe não-hegemônica as mesmas condições para desenvolver o dom da escrita e contar os percalços sobre sua vida.

Algumas são as especificidades decorrentes do emprego da metodologia de História Oral, que, segundo Alberti (1994), a qualificam como agente da ampliação do conhecimento e fonte de consulta. A primeira delas consiste no fato de apenas ser utilizada em pesquisas de temas contemporâneos, ocorrências recentes de um tempo em que "(...) a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não mais contemporâneos" (Alberti, 1990, p. 4). A segunda especificidade do trabalho de investigação decorre da intencionalidade do pesquisador em produzir – através da consecução de várias etapas do processo de pesquisa – documentos históricos, os quais se tornarão fontes de conhecimento. Esta especificidade desdobra-se em outras especificidades. Apesar de dar atenção às versões dos entrevistados, isso não significa poder prescindir de consultas a outras fontes existentes sobre o tema em destaque.

Para a investigação é necessário construir um projeto de pesquisa, com os respectivos objetivos que orientem a atividade científica – a escolha dos sujeitos, a seleção e procedimento das entrevistas, as formas de apresentá-las e a edição do texto visando ou não à publicação.

Se partirmos do pressuposto de que a História Oral é uma metodologia de trabalho, é evidentemente necessário que ela esteja ancorada a uma atividade de pesquisa. Primeiramente, é preciso haver questões, perguntas, que justifiquem o desenvolvimento de uma investigação. A História Oral só começa a participar dessa formulação no momento em que é preciso determinar a abordagem do objeto em questão: como será trabalhado (Alberti, 1990, p. 12).

O uso da metodologia em destaque tem como base um projeto de pesquisa e utiliza como principal instrumento fontes orais que permitem, em situação de entrevista, a coleta de dados.

Outro desdobramento refere-se à participação do pesquisador na produção do documento como uma peça de explicitação do real. Independentemente da forma de apresentação do documento, pode ocorrer diversidade de interpretação a respeito da temática, dependendo do olhar, da apreensão, do lugar social, dos interesses, entre outros aspectos. Nesse sentido, a tarefa fundamental do pesquisador consiste em realizar, desde a elaboração dos primeiros manuscritos, uma crítica interna e externa, concomitante à realização das entrevistas. Assim,

avalia-se constantemente o documento durante sua consolidação, dessa forma impedindo que no conteúdo dos depoimentos ocorram falhas, excessos e incorreções.

A narrativa constitui a matéria-prima para a História Oral. O narrador que conta sua história ou dá seu relato de vida não se constitui, ele próprio, no objeto de estudo, mas sim seus relatos de vida, sua realidade vivida. Os eventos vistos sob seu prisma e o crivo perceptivo apresentam-se subjetivamente, possibilitando conhecermos as relações sociais e as dinâmicas que se inserem no âmbito de estudo. Assim, "(...) busca-se versões dos fatos, pressupondo a existência de lacunas espaciais e temporais e aceitando a subjetividade implícita no relato, tanto da parte do narrador, quanto do pesquisador que procede a sua coleta" (Lang, 1996, p. 37).

Segundo Oliveira (1997), com base em Portelli, a escrita e a oralidade não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se mutuamente, encerrando cada uma características e funções específicas, bem como a exigência de instrumentos interpretativos próprios. As fontes orais ultrapassam o horizonte de expressar-se como meros sustentáculos das formas escritas tradicionais, pois exprimem-se diferentes em sua constituição interna e utilidade inerente. Apesar da diversidade, muitas fontes escritas baseiam-se na oralidade, como também muito da oralidade moderna está recheada ou saturada de escrita.

A peculiaridade da fonte oral reside na riqueza oferecida pela rede de signos, sentimentos, significados e emoções, expressa pelo narrador ao pesquisador, em forma de dados coligidos, expressando em si mesmos, tanto pela abundância (quantidade) como pela qualidade que o material dessa natureza (depoimentos diretos) potencializa (Oliveira, 1997). Também a oralidade revela-se diferente quando permite que se apreendam seus significados e conotações, seja pelo tom, ritmo e volume impressos pelo narrador, os quais muitas vezes a forma escrita é incapaz de revelar. Os significados do discurso "(...) mostram-se contraditórios, conforme a entonação conferida pelo relator, principalmente quando há observância rígida das regras e lógica gramaticais, sem se atentar para o teor emocional existente nos conteúdos das narrativas, quanto a velocidade, pausa, pontuação, intenção, mudanças de discursos e oscilações, que se desvelam mais pelo ato de ouvir, que de escrever" (Portelli, 1997, p. 28). Isto significa e pressupõe que o "movimento" contido nas fontes orais permite contar mais com os significados do que alicerçar a análise sobre os eventos, expressando grande diferença em relação à escrita padrão, utilizada em textos normalmente objetivos e estáticos.

O fator primordial da subjetividade do expositor nas fontes orais, pois estas não são objetivas, caracteriza-as como sendo artificiais, variáveis e parciais. Fontes orais revelam-nos não só sobre o que o sujeito social fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que no presente pensa que fez. Novamente é importante salientarmos que, neste processo, a vida não pode ser totalmente revisitada, é necessário fazer-se uma seleção, determinada pelo narrador, envolvendo seu rememorar.

A coleta dos dados orais é realizada na entrevista, ou seja, através de uma conversa entre narrador e pesquisador. Não se busca a uniformidade absoluta, "a padronização dos relatos, mas a riqueza que cada entrevistado tem a contar – riqueza que não se traduz na extensão das falas, mas às vezes na citação de um fato desconhecido, na descrição de um fato corriqueiro" (Demartini, 1992, p. 47).

Os conteúdos obtidos são resultado de uma situação de encontro entre seres humanos conscientes da objetividade do encontro e também de sua subjetividade.

A metodologia em destaque possibilitou ao pesquisador romper a clausura acadêmica que transformava a entrevista em simples suporte documental, em pesquisa social e histórica, propiciando a mesma desvelar

a riqueza inesgotável do depoimento, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana, de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contrapoder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto – sempre mal-decifrado – que é a História Humana (Albertini, 1990, p. 8).

A entrevista ganha maior dimensão quando há real parceria entre entrevistador e entrevistado, possibilitando a ambos construírem uma relação de adesão ao processo de questionamentos, compreensão, críticas e, por fim, reconstituição do objeto da pesquisa, sendo o resultado, fruto desta relação social.

A entrevista se constrói na relação entre estes sujeitos, permeada pela experiência de vida de ambos, quando expõem suas histórias de vida, suas paixões, suas visões de mundo inseridas em dada dimensão do tempo e espaço. Como cúmplices, ambos compartilham o horizonte em que os fatos aconteceram, as condições existentes nesse momento histórico, as relações que existiam em torno de determinadas

circunstâncias.

A própria dinâmica da entrevista permite que ambos os sujeitos investiguem-se mutuamente, aproximem-se e conheçam-se, possibilitando desvelarem suas visões de mundo e relações de poder, as quais nunca são unidirecionais, mas dialéticas, estando presentes as categorias poder, igualdade e diversidade. Assim, nas entrevistas é importante a postura "aberta" do pesquisador e seu modo de formular as questões, em momentos "certos", o que depende não somente de sua experiência, mas dos conhecimentos acumulados ao longo do processo da pesquisa. Nesse sentido, não se pode estabelecer um roteiro rígido, único, a ser seguido em várias entrevistas, pois em cada uma delas novas informações e conhecimentos são acrescentados. O resultado da escuta atenta e da reflexão sobre as informações implica novos questionamentos nas entrevistas subsequentes. Embora se deva deixar o narrador livre para falar o que quiser, há a necessidade de aprofundar determinados aspectos, relevantes para a pesquisa, que vão surgindo no decorrer da entrevista.

A coleta de uma história de vida, de um relato oral, ou mesmo de um depoimento se traduz também em uma ocasião em que o entrevistado reflete sobre sua vida, sobre sua trajetória, antes mesmo da realização da entrevista. Neste sentido, o uso de uma figura de linguagem por Benjamin (1994, p. 224) é algo exuberante: *"a verdadeira imagem do passado se passa veloz, o passado só se deixa ficar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido"*.

A proposição das questões a serem estudadas, a coleta e a análise dos dados dependerão em grande parte do grau de assimilação crítica das teorias eleitas provisoriamente pelo pesquisador sobre os conjuntos de abstrações que devem estar prontos ao iniciar o trabalho.

O TRATAMENTO DOS DADOS ORIUNDOS DA MEMÓRIA SOCIAL

A realização de um fichamento detalhado dos relatos obtidos, segundo Demartini, é uma tarefa fundamental, seja em conjunto ou isoladamente. Após transcritos, relaciona-os a outros tipos de material com os quais se coteja e confronta, ou seja, trata-se de desvendar as relações que estabelecem entre si os relatos orais e outros textos escritos. A importância deste fazer é que o material transcrito permite ao pesquisador um novo tipo de trabalho com dois materiais distintos. Se as *"entrevistas faladas são ricas e cheias de elementos novos que vão se apresentando aos poucos e à medida que se escuta várias vezes cada gravação, o material transcrito, por outro lado (...)"* (Demartini,

1992, p. 54) possibilita a visualização simultânea do conjunto das entrevistas, permitindo assim identificar as diversas informações prestadas sobre um mesmo assunto, o que se torna praticamente impossível ouvindo somente as gravações. *Mas a dialética entre os dois tipos de registros – o escrito e o oral – parece existir durante toda a pesquisa, e acreditamos que seja fundamental; o pesquisador, mesmo ao trabalhar apenas com o material escrito está constantemente utilizando as imagens que ele próprio registrou em sua mente, e que permitem estabelecer a todo momento a ligação entre uma informação particular e o contexto todo*"(Demartini, 1992, p. 54).

A escolha da técnica a aplicar resulta em formas específicas de captação dos dados, e estes dados devem corresponder ao objetivo a se alcançar, ou seja, a elaboração do documento específico que venha a subsidiar o documento da pesquisa. Durante todo o processo de coleta, ou seja, em todas as fases da investigação, a reflexão e análise se fazem presentes, concomitantes, propiciando, a cada entrevista, singularidade e possibilidades de alterações do processo de captação dos dados da temática do real. Existe um movimento que se configura como dialético inerente à discussão da metodologia, que significa "(...) aceitar que as reflexões acompanham todo o processo de pesquisa, é aceitar que se esclareçam dúvidas, reafirmar certezas, colocar em dúvida algumas certezas, suscitar novas dúvidas" (Lang, 1996, p. 45).

A pesquisa requer uma trajetória de atividade por parte do cientista social para que a análise se realize ao longo da execução da pesquisa e para que ao final se confira o resultado através da construção progressiva de uma "representação" do objeto sociológico. A ótica do pesquisador tem um papel decisivo na realização do empreendimento através da escolha dos informantes, da alteração do questionamento de um informante a outro, da astúcia para descobrir indícios de processos até então não percebidos, de trabalhar com vários relatos ao mesmo tempo para ganhar na comparação da diversidade de percepção de processos, na visualização de vínculos a serem estabelecidos entre as peculiaridades individuais e a sociedade como um todo e de organizar os detalhes das informações em uma representação coerente. O somatório destes procedimentos interfere e demonstra a qualidade da análise.

Bertaux (1980) enfatiza que é no *approach* das histórias de vida que se consegue conhecer o nível das relações sociais, sendo estas a verdadeira substância do conhecimento. O que vem complementado por Lang (1996) ao afirmar que, ao apreender as relações sociais através das fontes orais, o pesquisador não deve ater-se apenas no conhecimento dos fatos, mas através deles dirigir seu olhar às relações

sociais e processos que os engendram.

O trabalho de pesquisa deve envolver, sempre, este olhar ao redor e vincular o fato narrado a outros contextos sociais, ou seja, partir do conhecimento da micro-realidade à totalidade social, da conjuntura à estrutura. Ao leitor atento fica evidenciada a proximidade com a sociologia compreensiva, uma vez que é no indivíduo, na ação social que se encontra a fonte de dados significativos para a interpretação. Todavia, a referência não se esgota aí, dado que cabe apontar para a explicação da sociedade, da história.

Após várias entrevistas, segundo Demartini (1992; p. 52),

(...) as grandes linhas da pesquisa já estão estabelecidas, as categorias delineadas, os problemas definidos, mas só a análise minuciosa dos relatos, depois de transcritos, nos permite conhecer os detalhes e questões aventadas em cada entrevista, procurando o ponto de concordância e de discordância entre elas, sobre os mais variados aspectos; descobrir aspectos novos que apenas com a comparação conseguimos perceber, pois muitas vezes os elementos necessários ao entendimento de determinadas situações surgem não só na análise do que foi dito no conjunto dos relatos, mas também do que não foi dito

Ou seja, além da astúcia de perceber com profundidade o expresso, há o empenho para reconhecer o indizível.

A memória social como processo e não apenas como um depósito de dados, assim como a linguagem, está carregada de representações e denota o meio social dinâmico em que o indivíduo e grupo social está inserido. Como instrumentos socialmente construídos e compartilhados, a memória e a representação podem traduzir recordações semelhantes, contraditórias ou sobrepostas, mas nunca iguais, pois os indivíduos em sua identidade consolidam um olhar peculiar. A versão do indivíduo tem um conteúdo marcado pelo coletivo, ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais¹.

¹ A dinâmica entre o social e individual, entre passado e presente, é abordada por Borelli: "(...) evidenciar o passado no presente imediato das pessoas, através dos depoimentos orais, constitui essa possibilidade de reconstrução e compreensão da história humana. Neste sentido, a memória, a experiência e o tempo são fundamentais para essa recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. Memória no sentido de fonte do passado no presente, como busca daquele tempo no agora, transcendendo a mera cronologia, mas como nas palavras de Walter Benjamin, 'como musa da narrativa, que se constrói na experiência de vida', possibilitando assim, visitar o passado no presente, 'restabelecer uma ligação com o passado, e que este possa ser salvo naquilo que tem de fundamental. O movimento de mergulhar em busca da experiência perdida, de saltar para trás em direção ao passado, poderá permitir a erupção de algo novo' " (Borelli, 1992, p.

E mais, valorizar a relação entre passado e presente, entre história e temporalidade, destaca a importância da memória para se compreender a intensa relação entre objeto e tempo nessa busca da verdade para se conhecer e criticar a realidade, descobrindo novas nuances em sua constituição.

Ao invocar a memória, é importante o pesquisador ter cuidado ao utilizar o termo "memória coletiva", mesmo com o propósito de registro de lembranças compartilhadas e aproveitadas por dada coletividade. É necessário cautela ao registrar tais dados e situá-los fora do indivíduo, sob o termo 'memória coletiva' como é o caso da vertente funcionalista. As recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas e não se resumem à influência social. A abordagem da História Oral, embora a semelhança no uso de conceitos, valoriza por demais a dimensão individual e não respalda uma proximidade com uma herança positivista.

Quando se trabalha com a memória, outro aspecto se apresenta – existe sempre a possibilidade de esta falhar. Em um relato, há esquecimentos e omissões que podem ser ou não intencionais. Cabe ao pesquisador fazer uma leitura minuciosa de cada relato obtido, indagando-se sobre o conteúdo das possíveis lacunas existentes, ligando um assunto a outro. A fonte oral é sempre uma invocação à memória, reconstruindo um passado pela perspectiva do presente, marcado pelo social.

A busca do significado dos fatos nem sempre tem como objetivo a materialidade destes, mas a representação, a interpretação, daquilo que realmente aconteceu, pelas vozes dos outros que o vivenciaram, levando-se em conta o acontecido na mente dos indivíduos. O passado é revisitado com parâmetros atuais, em que "*(...) mesmo os erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade*" (Portelli, 1997, p. 25).

A não plena objetividade do significado dos fatos é muito própria desta metodologia de pesquisa que prioriza os elementos mutáveis, ou seja, a narrativa, o discurso, a memória e a subjetividade como fontes de dados, fornecendo múltiplas verdades de um mesmo tema. Por esse motivo, muitos cientistas discordam da veracidade e cientificidade dos significados atribuídos ao objeto pesquisado através da história oral, justamente pela utilização de tais elementos mutáveis. No entanto, são estes elementos que compõem e formam a contribuição genuína da História Oral, propiciando ao pesquisador tecer a interação social e pessoal aliados a fatos corroborados junto ao objeto pesquisado.

81, apud Mendes, 1996, p. 11).

O reconhecimento das múltiplas abordagens impõe responsabilidades ao cientista social que utiliza a metodologia em destaque, principalmente na tarefa de interpretar e explicar o real a partir das regras estabelecidas. As palavras proferidas pela fonte compõem material citado constantemente nos trabalhos redigidos, oferecendo oportunidade ao leitor de não apenas confrontar as interpretações formuladas pelo sujeito e pelo pesquisador, possam estas coexistirem ou discordarem, como também de, ele mesmo, o leitor, emitir seu próprio parecer sobre a matéria. Assim, a responsabilidade com o material coletado inclui transcrever as palavras textuais da fonte para o texto, como forma de comprovação da análise crítica a propósito dos temas selecionados.

Quanto à apresentação do resultado do trabalho, existem duas concepções muito distintas. Uma vê o documento como um todo indivisível, já a outra propõe recortes e comparações entre documentos vários, produtos dos vários momentos de entrevista, para chegar a uma nova síntese. Na perspectiva dos autores do presente texto, a proposta do recorte é mais criativa, pois permite ao pesquisador em cada momento de coleta dos dados, ou seja, em cada entrevista efetuada, desvendar inúmeros aspectos, muito diversificados, permitindo obter vários pareceres sobre o mesmo objeto de estudo, enriquecendo assim seu estudo, com originalidade e com maiores detalhes e esclarecimentos.

A METODOLOGIA E A DIMENSÃO ÉTICA: NEXO ENTRE PESQUISA E SUJEITOS SOCIAIS

"Pessoas não são papéis"
JANAÍNA AMADO

Ao optar pela metodologia de pesquisa de História Oral, requer-se do pesquisador realizar algumas considerações quanto aos procedimentos e aos pontos de vista durante todo o trabalho, adotando cuidados maiores no trato com os sujeitos da pesquisa e com o material coletado. Está alerta se deve ao fato de que a identidade e a história dos sujeitos está em jogo. Constitui-se tarefa árdua conseguir visualizar o quanto os sujeitos da pesquisa consentem em expor ao público as suas próprias contradições, ou o quanto vão filtrar o discurso ao se dar conta de que suas ambigüidades ao serem lançadas ao público leitor, fugirão do seu controle ou influência.

A dimensão ética é um dos fatores fundamentais a perpassar o processo de trabalho de todos os pesquisadores, inclusive daqueles que

trabalham apenas com fontes escritas. Amado (1997) entende que é de fundamental importância a clareza de conceitos e da metodologia utilizados, bem como a exposição das lacunas, dúvidas e incertezas não são meros procedimentos técnicos. Referir-se a possíveis lacunas constitui um profundo procedimento ético, uma vez que alerta para se estabelecer relações entre os pesquisadores, entre estes e suas fontes e seus leitores.

Ao realizar a pesquisa, é importante que o pesquisador em História Oral tenha comportamento profissional, compromisso pessoal e político de uma atitude de respeito ante os fornecedores de informações. Esses compromissos se relacionam com a fidelidade e honestidade no trabalho empreendido, com os procedimentos específicos desta metodologia de trabalho.

No trabalho de campo, ao resgatar a história a partir da memória e da identidade social, é importante que o pesquisador tenha, como uma das primeiras lições de ética, respeito pelo valor e importância de cada indivíduo. Por mais que se faça necessária a seleção das informações, pode-se considerar que a peculiaridade de cada indivíduo o faz comparecer ao cenário da investigação como um amálgama de um número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas. Ainda mais considerando que a informação sempre retém certa dose de força e influência, ou tem poder quem detém informações privilegiadas, a exclusão de atores e de dimensões se deve aos perigos iminentes ou para contornar a dificuldade de interpretar a pluralidade de informações. O pesquisador terá sempre em mente o quanto esses relatos enriquecem a experiência profissional e pessoal, acrescentando e colorindo o fazer próprio do cientista social. Nesse sentido – o de atribuição de respeito pelo valor e importância de cada sujeito – está presente o reconhecimento do elemento diferente e ao mesmo tempo um tratamento de igualdade.

Diferença e igualdade, considerando o relacionamento entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, representam, segundo Portelli (1997), os dois lados de uma mesma moeda, denominada "liberdade" ou subjetividade e autonomia dos sujeitos. Liberdade entendida como possibilidade de escolha no contexto dos condicionamentos sociais, inclusive a de ser diferente e de não se pautar pela ideologia da homogeneidade social. O reconhecimento das diferenças tem como base os direitos universais. A condição de ser diferente só poderá ser preservada em condições sociais em que vige também certo nível de igualdade, seja social, civil, política e cultural. No entanto, mesmo na busca da condição de ser diferente, se acalenta a necessidade de compartilhar, participar e se comunicar.

O trabalho de campo exige o estabelecimento dos condicionantes que primam pela igualdade, oferecendo condições para o elemento diferente se desvelar e possibilitando estabelecer as diferenças, recheadas de significados, como também se firmar os aspectos comuns que possibilitam trocas entre os sujeitos pesquisados. No momento fundamental do trabalho de campo existe um significado na relação social e humana entre pesquisador e sujeitos da pesquisa que está intimamente relacionado à ética que o profissional confere em seu proceder. *"Tudo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos, mas trará conseqüências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais"* (Amado, 1997, p. 146).

O pesquisador tem como pressuposto as preocupações éticas ante as relações humanas, ou seja, para falar do fazer próprio é impossível não traçar referências à vivência de um profundo sentimento de responsabilidade. Atenção redobrada se requer quanto à apresentação das informações prestadas por pessoas vivas e conhecidas, com as quais estabeleceu relações concretas, pessoais, cujos rostos e existência conhece, que lerão o texto final e emitirão pareceres, e cuja intimidade será lançada ao espaço público. Não que informações prestadas por pessoas que lhe são distantes ou desconhecidas não mereçam todo o respeito possível, mas o pesquisador sabe que os sujeitos próximos da pesquisa apresentam particularidades a mais.

A veracidade das informações obtidas se coloca como uma importante e fundamental questão na busca de dados através de narrativas, como parte imprescindível para a elaboração de um documento resultante de pesquisa. A identificação nominal não é a preocupação que se afigura como primordial para Lang, uma vez que propõe outras dimensões como objetivo principal, como seja "a apreensão do todo social, as relações entre os indivíduos, grupos e coletividades; atribui-se, assim, menor importância à identificação do informante, que ao conhecimento de sua posição na estrutura sócio-econômica, de sua inserção em diferentes grupos e coletividades, que influiriam de modo determinante na sua maneira de ser, viver, pensar, e julgar" (Lang, 1996, p. 43-44). Mais do que isto, a capacidade de relativizar é de sumo interesse, uma vez que importa identificar e qualificar as diferentes versões sobre fatos ou processos e explorar sua riqueza através dos detalhes, inclusive mais do que verificar a veracidade de um relato em particular.

A forma de se apreender as informações colhidas o mais próximo do real faz evidência à posição e à alternativa de procurar atingir o ponto

de saturação². A possibilidade de realizar outras entrevistas sempre propiciará outros relatos, os quais permitirão ao leitor realizar comparações entre as afirmações efetuadas pelos narradores e delas extrair interpretações e veracidade.

Para uma relação satisfatória entre pesquisador e sujeito, são necessárias também outras condições. Os sujeitos devem se sentir à vontade em seus relatos orais e estabelecer livremente seus próprios limites e conteúdo de suas narrativas. O pesquisador deve assumir uma postura e discurso, o mais honesto possível. Deve estabelecer uma conversa franca, em que os interlocutores se sintam à vontade para expressar seus sentimentos, crenças, opiniões, diferenças e contradições. À diversidade de pareceres de um mesmo sujeito da pesquisa não deve ser atribuído um significado de desrespeito ou conflito, mas sim de tolerância e respeito mútuo. Um dos grandes desafios encontra-se justamente neste momento, tão particular, não de confronto e sim de encontro entre seres humanos com objetivos distintos.

Nas relações estabelecidas entre pesquisador e entrevistado, muitas vezes o pesquisador, no decorrer do trabalho, envolvido pelo ambiente das entrevistas, cria fortes laços pessoais com os seus narradores, sejam estes de admiração, amizade e amor, como também de antipatia, rejeição e mesmo ódio. Pelas próprias histórias ali contadas, pela emoção das evocações, corre o risco de esquecer-se de representar o papel profissional normalmente atribuído a ele. Essas relações pessoais influenciam de várias maneiras o trabalho final do pesquisador, "em geral de forma inconsciente para este: determinados trechos de entrevistas, por exemplo, que 'embelezam' os feitos dos informantes com os quais o historiador simpatiza, podem ser citados, repetidos ou estendidos, enquanto outros, que prejudicam a imagem do informante, podem ser negligenciados, resumidos ou afastados para notas" (Amado, 1997, p. 148). Isto seria a introdução indevida de valoração a propósito de informações similares.

O pesquisador se deve prover de responsabilidade e respeito para com o trabalho da coleta dos dados, sua aferição e conclusão sobre uma matéria. Nesse sentido, é necessário que a ética profissional e técnica transcendam o contexto de estudo e se relacionem em esferas de responsabilidades mais amplas, como a individual e cidadã, civil e política.

² Como sugere Bertaux, as entrevistas devem ser realizadas até o momento em que os conteúdos dos relatos se apresentem os mesmos, ou seja, não revelando novos elementos; o que supõe o alcance do ponto de saturação. Cf. Demartini, 1992, p. 50.

Outro momento de responsabilidade e de refinado trato ético é o da restituição deste material coletado aos sujeitos com quem se encetou o diálogo. Segundo Amado (1997), a relação de troca entre pesquisador e sujeitos inicia-se no momento em que o entrevistado concorda com a realização da entrevista e ao conceder o faz por motivos diversos ou com objetivos concretos a atingir. Outorgar informações é um ato voluntário, parte de um complexo universo de interesses e estratégias. Nesse sentido, Benjamin diz que *"o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história"* (1994, p. 222). Erra o pesquisador que supõe, ao realizar entrevistas com pessoas pobres e marginalizadas social e culturalmente, que estas não possuem objetivos e interesses próprios quanto ao fenômeno de ser entrevistado. Tais objetivos podem não se expressar de forma explícita, porém sempre os há implícitos, por vezes os interesses os mais inusitados.

O resultado a ser alcançado, no entanto, mais do que uma devolução de materiais, é uma organização de interpretações com significados múltiplos que serão expostas muito além de quem as formulou. Acima de tudo, a tendência é de que circulem e sejam dadas a conhecer a um público diversificado, até pela riqueza do conhecimento produzido, expresso pela experiência de vida, em várias áreas de trânsito do ser humano e pelos desdobramentos que daí decorreram. Por fim, essa restituição tem o compromisso de mostrar a diversidade, a diferença e também aquilo que deixou de acontecer, ou seja, a opção de outros fazeres. Em outros termos, a história é recheada de fatos, inclusive por aquilo que os atores deixaram de realizar em determinadas circunstâncias.

Finalizando, podemos considerar que a ética perpassa todo o processo metodológico e técnico ao desenvolver um trabalho pela via da História Oral. São situações em que isso se manifesta (Amado, 1997): pela fidelidade do pesquisador às palavras e sentido da entrevista, não citando trechos em que apenas uma parte das opiniões é revelada, não lhe alterando o significado global; explicitando para os informantes os objetivos do trabalho e os possíveis usos que se fará do discurso; respeito pelas solicitações dos entrevistados, como o sigilo da identidade nominal ou ocultação de informações que possam comprometer a identificação; como também pela necessidade de diferenciar a fala de cada um dos narradores, não os diluindo em um conjunto homogêneo, indiferenciado internamente e pela necessidade de diferenciar claramente a voz analítica do pesquisador diante das expressões reveladas pelos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Oral, como opção para se pesquisar qualitativamente, representa uma das formas qualificadas para a obtenção e a ampliação de conhecimentos nas áreas humana e social. As polêmicas e os limites referentes às diferentes metodologias de pesquisa subsistem para além do seu uso que se tem feito, uma vez que os dotes se relacionam ao tipo, ao alcance, à abrangência e aos fins da investigação.

A procura dos significados para o objeto de estudo através de histórias de vida, de relatos ou de depoimentos, possibilita o encontro entre seres humanos e imprime neste fazer um caráter humano imensamente rico, possibilitando a recuperação e a apresentação da condição humana dos envolvidos neste fazer. Ao se dar por conhecer ao pesquisador, o outro desvela seu universo íntimo; a casa aberta onde mora o mestre, representado por sua subjetividade, com suas múltiplas cores e carregado de intensas emoções, sentimentos, valores, tudo expresso em seus pareceres e suas histórias.

A busca pelas fontes orais diz respeito à possibilidade da interpretação de temas da história ainda insuficientemente registrada por outros tipos de informações, a fatos relevantes cuja documentação se deseja completar ou abordar por ângulo diverso do habitual. Um dos momentos mais sublimes da pesquisa pode ser caracterizado como um momento em que as relações sociais já vividas são dilapidadas e recriadas, quando o hoje visita o ontem com outros olhares e perspectivas, construindo o passado pelo presente e reconstruindo o próprio presente.

A riqueza da pesquisa com esta metodologia está na ênfase e importância atribuída ao sujeito da história, construtor de seu destino, entre possibilidades e limites. Reconstruir histórias, situações, acontecimentos, subsidiado pela voz do outro, deve tornar o pesquisador responsável e comprometido com o valor de seu trabalho e seus resultados para a comunidade acadêmica e social.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*, São Paulo, n. 15, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTAUX, Daniel. L'approche biographique: sa validité méthodologique, ses potentialités.

Cahiers Internationaux de Sociologie, n. 69, 1980.

BORELLI, Sílvia Helena S. *Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson*. São Paulo: EDUC, 1992.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

DEMARTINI, Zeila de B. F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa – reflexões sobre a pesquisa sociológica. *Coleção Textos*, São Paulo, CERU, n. 3, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). *(Re)Introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.

FERRAROTTI, Franco. Industrialización e historias de vida. *Revista Historia y Fuente Oral*, n. 9, Barcelona: Universitat de Barcelona, 1993.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). *(Re)Introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.

MENDES, Jussara Maria. *História oral como possibilidade metodológica*. São Paulo, PUC/PPGSS, 1996 (mimeo).

NOGUEIRA, Oracy. *Pesquisa social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Nacional, 1968.

OLIVEIRA, Arlete B. de. O que faz a história oral diferente. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Resenha.

PATTON, Q. *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills: Sage, 1980.

PEREIRA, Potyara A. P. Abordagem da pesquisa em Serviço Social. *Serviço Social & Sociedade*, n. 21, São Paulo: Cortez, ago.1986.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*, São Paulo, n. 14, 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*. São Paulo, n. 15, 1997.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria – ou um planetário de erros*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.